

A INFLUÊNCIA DE AUTORES ESTRANGEIROS EM LOBATO E A CONSTITUIÇÃO DA *BRASILINA*

Regina Helena Pires de Brito
Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO - *Aborda-se aqui o ideal de Monteiro Lobato, que propugnava por uma língua do Brasil – a “Brasilina”, analisando-se referências aos autores estrangeiros, em especial aos portugueses, encontradas em A barca de Gleyre. Vários autores trataram da língua nacional, mas nenhum com atitude tão sui generis como Lobato. Revelando-se a favor de um modelo de língua adaptado à realidade brasileira, pauta-se nos “bons” autores estrangeiros, numa tentativa de assimilar a influência, processá-la e produzir o “nosso” uso. Essa convicção fará dele grande leitor dos portugueses - ora movido por admiração apaixonada, ora por repulsa inexplicável – bem ao sabor da “veneta”, como dizia.*

PALAVRAS-CHAVE: *português do Brasil; variação lingüística; Monteiro Lobato*

ABSTRACT – *Here we speak about Monteiro Lobato's goal, who defended a Brazilian language - "Brasilina", analyzing references to the foreign authors, specially to the Portuguese, found in A barca de Gleyre. Many authors cared about the national language, but none of them had such a "sui generis" attitude as Lobato. Being for a model of language adapted to the Brazilian reality, he founds on the "good" foreign authors, trying to assimilate the influence, process and produce "our" use. This conviction will make him a great reader of the Portuguese authors.*

KEY WORDS: *Portuguese Language from Brazil; linguistic variation; Monteiro Lobato*

*A barca de Gleyre*¹, publicada quando Lobato já não era um escritor militante (1944), pode ser considerado o título mais representativo do escritor, não de sua obra. Trata-se da correspondência de quarenta anos com o amigo G. Rangel em que encontramos, além de lembranças particulares, registros da trajetória de pensamento, que vai do entusiasmo da juventude ao desencanto da velhice. Assim é que, ao lado de sua posição sobre alguns dos principais fatos e idéias da República (de Rodrigues Alves até quase o final do Estado Novo), a correspondência nos permite conhecer um crítico frente à produção jornalística e literária da época, impressões de leitura e ideais estéticos.

A leitura da obra propicia-nos delinear uma trajetória das atividades do autor no tocante às suas relações com a língua até culminar com o sonho de uma língua brasileira:

- 1903 –1908: período de alheamento com relação ao estudo da língua portuguesa;
- 1909 – 1913: introdução da literatura portuguesa às suas leituras estrangeiras;
- 1915 – 1917: preocupação extrema com o estudo da língua portuguesa via literatura;
- 1917 – 1920: sinais de rejeição da gramática portuguesa;
- 1921/22: dialeto, com possibilidade de vir a ser língua: a Brasilina.

Lobato e literatura universal: a busca

A percepção do fenômeno da variação lingüística se desenvolve concomitantemente com a formação do homem de letras que defendia uma língua nacional, mas desprezava a nossa elite intelectual: *mineralizar o Verbo para ver se não morro da tísica mesenterica do “estilo brasileiro”, para o qual devo ter predisposição congenial. O estilo nacional, morno e sorna, revê capilé com goma, xarope de melancia, mingau de araruta* (11/12/1917), mostrando-se fortemente enlevado com a leitura em língua estrangeira: *Tenho lido meio milhão de coisas. Estou com uma coleção de David Corazzi – Biblioteca Universal, (...), uns 30 volumes vermelhos com boas coisas de Dickens, Poe, Balzac, Goethe, Byron, Bocage, Camões, Karr, Fontenelle, Collins, Voltaire. Pura mina.* (15/12/1906)

Revelando-se integralmente a favor de um modelo de língua adaptado à realidade brasileira, pauta-se nos “bons” autores estrangeiros numa tentativa de assimilar a influência, processá-la e produzir um uso “nosso”: *Tenho lido muito em inglês – viagens (...) uma porção de numeros de Wide World Magazine e do Strand. Enjoei-me do francês. (...) os Balzacs, os Shakespeares, os Nietzches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills.* (15/03/1906)

Essa convicção fará de Lobato também um grande leitor de autores portugueses, ora movido por uma admiração apaixonada, ora por uma repulsa que não se explica. Sua impulsividade, bem ao sabor da “veneta”, explica essa complexidade de sentimentos, como ele mesmo confessa: *Meu hábito em tudo é por de lado metodos e seguir as intuições da veneta. Acho a veneta algo serio e misterioso, Rangel.* (30/01/1915)

Sirvam de exemplos da admiração e da repulsa, respectivamente, os trechos abaixo:

Se Camilo houvesse dito: Uma coruja piou no galho seco de uma arvore, eu teria deixado no barranco esse ninho de beija-flor. O “berrou” é que me seduziu. Toda vida, para toda gente, as corujas piam – só em Camilo aparece uma que berra. Lindo! (16/01/1915)

Eu continuo a não achar salvação fora de Camilo, a ponto de não conseguir ler Os Maias. (10/07/1916)

Lobato e literatura portuguesa: o encontro com Camilo Castelo Branco

Uma análise estatística das referências a autores estrangeiros demonstra que a partir de 1915 Lobato realça os portugueses, sobretudo Camilo, Eça de Queirós e Fialho de Almeida.

Embora a admiração pelo português seja explicitada via Frei Luiz de Souza: *Que linda deve ser, meu Deus, a língua de Fr. Luiz de Souza!* (15/09/09), Camilo teria sido o responsável pelo momento epifânico de Lobato com relação à língua portuguesa: *Em Urupês aparecem uns clarões ricocheteados de Camilo – o grande Camilo que me revelou a língua portuguesa e me fez ver as balisas que a extremam da lingua bunda dos jornais e deputados – a Lingua de Caфра para Cafrarias, diz Camilo.*

Devido à influência basilar que o próprio Lobato afirma procurar em Camilo (*em materia de lingua minha base de operações é Camilo - 20/01/1916*), limitaremos nossa explanação, neste espaço, a alguns comentários feitos ao autor de **Amor de Salvação**.

Entre 1915 e 1917 (contra, em média, 17% de Eça e 10% de Fialho), Camilo figura com cerca de 50% das referências feitas aos portugueses. No entanto, Lobato já o

havia citado várias vezes, tendo sido a primeira em 15/07/05. Em carta de 07/06/09 elogia Camilo, pondo-o no topo como escritor exemplar, falando no seu tom costumeiramente hiperbólico e irreverente:

Saber a língua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a língua portuguesa brota mijadamente, saída inconscientemente, com a maior naturalidade fisiológica. Eu tenho a impressão de que os outros aprenderam a língua e só Camilo a teve ingênita até no sabugo da unha de todas as células de seu corpo.

Em carta de 15/09/1909, coloca Camilo à esquerda de Fr. Luiz de Souza, que vê então como expoente maior da língua: *Estou, Rangel, dentro da língua de Fr. Luiz, embora ainda longe de lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano à direita e Camilo à esquerda.*

Retoma loas efusivas a Camilo, em carta de 12/01/1910, enaltecendo-o mesmo à custa de depreciação do português praticado no Brasil:

Leio e penetro-me de Camilo, ensabão-me com as riquezas do maior sabedor da língua dáquem e d'Allem mar(...) e, com a “descoberta” que fiz do que realmente é a língua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora!

Dizendo-se atacado de sífilis incurável no idioma, por ter-se “cevado em literaturas exóticas, eslava, britânica, escandinava e até hindustânica”, acredita poder curar-se do mal após longo estudo da língua portuguesa: (...) *Mas é provável que encetando agora o estudo da Grande Língua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti.*

Intensificar-se-á seu fascínio pelo autor entre 1915 e 1917 – período em que Lobato buscava *ter uma horta de frases belamente pensadas e ditas em língua diversa da língua bunda que nos rodeia* (16/01/1915). Camilo será a via que, conscientemente, escolherá para desvencilhar-se da mesmice

do estilo padrão mais em moda que desfecha no estilo do jornal: Camilo não é classico no sentido gramaticoide do termo (...). Convidei-te para o passeio através de Camilo como remédio contra o estilo redondo dos jornais que somos forçados a ingerir todos os dias. Camilo é o laxante. Faz que eliminemos a “redondeza”. É a agua limpa onde nos lavamos dos solecismos, das frouxidões do dizer do noticiario (...). Camilo nos “desabusa”, como aos seminaristas tímidos um companheiro desbocado. Ensina-nos a liberdade de dizer fóra de qualquer fôrma. Cada vez que mergulho em Camilo, saio lá adiante mais eu mesmo – mais topetudo. (23/01/1915)

A leitura de Camilo, portanto, não seria elemento para decalque; ao contrário, sua influência seria “veneno” contra “pragas”, significando busca da manutenção da identidade e ressaltando a presença camiliana a ser digerida pela alma do escritor e não a transparecer em pedaços em seus textos:

Na tua carta levas ao extremo o estudo camiliano. (...) Com o teu sistema de glossario, sabe o que acontece? Tornamo-nos uns Camilos enfezados, uns puros camelinhos, quando o que eu quero é que de Camilo tu saias mais Rangel do que nunca e eu saia bestialmente Lobato – embora sem as brocas e lagartas para as quais o melhor veneno é justamente Camilo. (16/01/1915)

Ressalta a solidez da escrita camiliana e a força de seu estilo pleno de modelos a serem ingeridos e reelaborados, comparando-o a Eça (então “em baixa”):

Camilo é floresta virgem, irregular, (...) Eça é um jardim francês daqueles que Le Nôtre desenhava. É possível levantar a planta dum jardim, mas quem tira a planta duma floresta virgem – dum Camilo? Eu recomendo a Boemia do Espirito aos que sofrem de lazeira de estilo. (30/03/1915)

Muitos de seus comentários sobre o estilo camiliano recaem sobre o uso primoroso e muito preciso que o autor português faz dos adjetivos, destacando a linguagem enxuta, o estilo substantivo das últimas obras de Camilo, que procurará imprimir a suas obras:

Não há ali células de gordura. Nada balofo, só durezas (...) Temos aqui [num trecho extraído de Boemia do Espirito] 13 adjetivos para 198 palavras – 6%! Não pode haver linguagem mais virilizada, mais enxuta, mais ossos e nervos – e gordura nenhuma. Nada amolengante. Lembra vergalho de boi estorricado ao sol. Só 13 adjetivos e todos matematicamente exatos. (30/09/1915)

Nos próximos anos, haverá uma diminuição substancial nas referências e críticas às suas leituras – seja de obras em português, seja em idioma estrangeiro. Em meio a confusões políticas, econômicas e traumas pessoais, Lobato passará a dedicar-se à produção de sua obra destinada às crianças e a intensas atividades de tradução.

Lobato, a língua de Portugal e a língua do Brasil

Ao longo da correspondência, encontram-se momentos em que faz o elogio da Língua Portuguesa. Em *post-scriptum* à carta de 02/09/09, falando de obra de M. Dias - Paixão - , comenta-lhe o estilo: (...) *Estilo lindo, claro de meter inveja. É escrito em português de Portugal, do bom, do que corre como regato em leito de pedras lá da fazenda do meu avô. Vale a penas lê-o só pelo português.*

Num outro momento, em carta de 15/09/09, diz:

(...) nós não sabemos esta maldita língua, Rangel, e manejamos achavascadamente, plebeamente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quasi que exclusivamente no francês, e “ouvira falar” da “língua de Frei Luiz de Souza”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande (...) Parei com minhas leituras de língua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a língua lusiada...

Além de elogiar a língua de Portugal, ainda na mesma carta, fala sobre o que mais o atrai e coloca a língua portuguesa do Brasil em inferioridade com relação a ela:

(...) E sabe o que mais me encanta no português? Os idiotismos. A maior beleza das línguas está nos idiotismos, e a lusa é todo um Potosi. (...) Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil? Porque é muitíssimo mais idiotizado pela colaboração incessante do povo, ao passo que aqui o povo praticamente não colabora na língua geral - vai formando dialetos estaduais como a Itália.

Suas rúsgas contra gramática e gramáticos aparecem em toda a correspondência com Rangel, a quem agradece as correções gramaticais: *grande bem me fazes com a denuncia das ingramaticalidades* (30/09/1915). Sua ojeriza pela gramática é explicada por achar que ela não forma, deforma - *a gramatica fará letrudos, não faz escritores* – além do que é também a gramática que o reprova:

[...] voltei-me para a gramatica e tentei refocilar num Carlos Eduardo Pereira. Impossível. O engulho voltou-me – a imagem do Freire e da bomba². Dá-me idéia duma morgue onde carneiros de oculos e avental esfaqueam, picam e repicam as frases, esbrugam as palavras, submetem-nas ao fichario da cacofonia grega. A barrigada da lingua é mostrada a nu, como a dos capados nos matadouros – baços, fígados, tripas, intestino grosso, pustulas, “pipocas”, tenias. Larguei o livro para nunca mais, convencido de que das gramaticas saem Silvios de Almeida mas não Fialhos.

Desta forma, aparentemente³, abandona a ortodoxia dos estudos gramaticais para se dedicar ao aprendizado da língua – *lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente* (30/09/1915). Ou, como reitera um ano mais tarde: *Como deliberei aprender a lingua de ouvido, e meu ouvido é lerdo, despendo mais trabalho que os que vão logo às regras – á Gramatica.* (13/09/1916).

Começava a sonhar com uma língua “nossa”, *porque a língua pátria já não é propriamente a lingua lusa de Portugal – é a sua filha brasileira* (Monteiro Lobato, 1921a). Esta preocupação com a dimensão brasileira da língua portuguesa culminará com a **brasilina** – denominação usada, pela primeira vez, em 1922, ao comentar *O dialeto caipira*, de A.Amaral:

E a velha lingua-mãe, que cá vige mas não viça, abdicará de vez na filha espúria que hoje renega, e desconhece, e insulta como corruptora da pureza importada. (...) E sinhazinha Brasilina não tem pressa (Monteiro Lobato, 1921b). A idéia da brasilina reaparecerá em *Emília no país da gramática* (lançado em 1933): *A parte de lá – explicou o rinoceronte – é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguêsas. Com o andar do tempo essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro da Brasilina.*(Monteiro Lobato, 1973).

Hoje, passados 500 anos da língua portuguesa no Brasil, vale registrar a constatação feita há anos por Lobato:

A nova lingua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou no Brasil. Não há documentos, mas é provável que o primeiro brasileiro surgisse exatamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou um dia, talvez, em que a lingua do reino fosse na colônia infiltrada de vocábulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos. Hoje, após quatrocentos anos de vida, a diferenciação esta caracterizada de modo tão acentuado, que um camponês do Minho não compreende nem é compreendido por um jeca de São Paulo ou um gaúcho do sul. Quer isto dizer que no povo – e a lingua é criação puramente popular – a cisão já está completa. Nas classes cultas a diferença é menor, se bem que acentuadissima, sobretudo na pronuncia e no emprego das palavras novas (Monteiro Lobato, 1921b).

No seu projeto de brasilidade, conforme assinala Borges (1999: 40), *vendo a lingua brasileira plenamente estabelecida na fala do povo, acreditava que, para consolidar o cisma ocorrido na lingua portuguesa, era necessário dar status literário à nova lingua do Brasil.* Entretanto, embora a idéia de uma gramática brasileira não permanecesse até o fim de sua vida⁴, essa perspectiva marcadamente sociolinguística de

reconhecimento de normas distintas se concretiza com a substituição do padrão literário tradicional por outro mais próximo da nossa realidade cultural e da modalidade falada no Brasil, comprovada, por exemplo, com nossos modernistas – muitos dos quais, injustamente, condenaram Monteiro Lobato. De fato, Lobato não foi apenas um escritor que lutou pela descoberta e conquista do nacional, mas foi também um cidadão brasileiro preocupado com a busca da identidade e da valorização sócio-político-econômica de sua pátria.

¹ Utilizamos a edição de 1964, publicada pela editora Brasiliense. Todas as transcrições seguem a grafia original.

² Lobato refere-se à sombra pela “bomba” levada, ainda na juventude (1895), no seu primeiro exame de português.

³ Uma vez que, de certa forma, Lobato tornou-se um gramático ao defender a “brasilina”, ao produzir *Emília no país da gramática*, procurando tornar acessível às crianças alguns conceitos ou, ainda, ao dar conselhos acerca de correção gramatical na idade adulta (Monteiro Lobato, 1961).

⁴ Conforme Borges (1999 p.41): *“todavia, vinte anos depois, referia-se ao português e não ao brasileiro (...)”. O escritor reassume a fidelidade à gramática tradicional (...).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, M.Z. (1999) Exatidão e liberdade na linguagem de Monteiro Lobato. *Todas as Letras*. Revista da FLE. Ano 1, n.1. São Paulo: Editora Mackenzie. p. 40.

MONTEIRO LOBATO, J.B. (1921a) “Gramática portuguesa”. In: *Crítica e outras notas*. São Paulo: Brasiliense. p. 78.

_____ (1921b) *Onda verde*. São Paulo: Brasiliense

_____ (1961) *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1964) *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense. Tomos I e II.

_____ (1973) *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense. p. 14